



**PROJEÇÕES DECOLONIAIS NA CONFIGURAÇÃO DE PERSONAGENS
FEMININAS em *Xicoténcatl* (Anônimo, 1826) e *Colombo e Beatriz* (Dubois,
1892)**

**DECOLONIAL PROJECTIONS IN THE CONFIGURATION OF FEMALE
CHARACTERS in *Xicoténcatl* (Anonymous, 1826) and *Colombo and Beatriz*
(Dubois, 1892)**

**PROYECCIONES DECOLONIALES EN LA CONFIGURACIÓN DE PERSONAJES
FEMENINOS en *Xicoténcatl* (Anónimo, 1826) y *Colón y Beatriz* (Dubois,
1892)**

Leila Shaí Del Pozo González¹ & Amanda Maria Elsner Matheus²

Resumo: O artigo evidencia a configuração das personagens femininas em dois romances

¹ Leila Shaí Del Pozo González é professora da CECA. Participante do projeto de pesquisa - Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização. <http://orcid.org/0000-0002-2654-0414>. Email: leiladpg@gmail.com.

² Amanda Maria Elsner Matheus é Doutoranda em Letras pela Universidade do Oeste do Paraná - Unioeste/Cascavel (2022/2026) com bolsa Capes. Atualmente é professora efetiva da rede estadual do Paraná (SEED/PR) - Ensino Fundamental, Médio e Normal. Integrante do Grupo de Pesquisa "Ressignificações do passado na América Latina: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização", coordenado pelo prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE), vinculado ao Programa de Ensino de Literatura e Cultura (PELCA) - PROEX/UNIOESTE - Campus Cascavel. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8534-8505>. Email: amandamaria.elsner@gmail.com.

históricos oitocentistas: *Xicoténcatl* (Anônimo, 1826) e *Colombo e Beatriz* (DuBois, 1892). O primeiro inaugura a escrita de romances históricos na América Latina. Enquanto seu narrador centraliza seus esforços na dicotomia Xicoténcatl-Cortés, as personagens femininas Teutla e Doña Marina (Malinche) são configuradas como peças na tese do autor anônimo. O segundo romance, destaca-se por ser a primeira obra de autoria feminina inserida na “Poética do ‘descobrimento’”. Nele Dubois (1892) promove a recuperação, na literatura, da figura histórica excluída dos registros históricos tradicionais, Beatriz Enríquez de Harana. Embasamo-nos em Fleck (2017), Quijano (2005), Mignolo (2017), Lugones (2008), dentre outros, para apontar os principais elementos e discutir sua configuração enquanto projetos estéticos decoloniais. Como resultado, apresentamos comparações entre as três personagens mencionadas e verificamos se nessas configurações a figura feminina mostra, de algum modo, a projeção de um olhar decolonial.

Palavras-chave: Romances históricos *Xicoténcatl* (Anônimo, 1826) e *Colombo e Beatriz* (DuBois, 1892); Configuração literária de personagens femininas históricas; Literatura comparada decolonial.

Abstract: The paper highlights the portrayal of female characters in two 19th-century historical novels: *Xicoténcatl* (Anonymous, 1826) and *Columbus and Beatriz* (DuBois, 1892). The former inaugurates the writing of historical novels in Latin America. While the narrator directs his efforts on the Xicoténcatl-Cortés dichotomy, the female characters Teutla and Doña Marina (Malinche) are depicted as chess pieces in the anonymous author's thesis. The latter stands out for being the first work by a female author within the 'Poetics of 'Discovery'. In this novel, Dubois (1892) retakes a historical figure excluded from traditional historical records, Beatriz Enríquez de Harana. Drawing on Fleck (2017), Quijano (2005), Mignolo (2017), Lugones (2008), among others, we identify the main elements and discuss their configuration as decolonial aesthetic projects. As a result, we compare the three aforementioned characters and examine whether, in these portrayals, the female figure reflects, in some way, a decolonial perspective.

Keywords: Historical novels *Xicoténcatl* (Anonymous, 1826) and *Columbus and Beatriz* (DuBois, 1892); Literary portrayal of female characters of historical extraction; Decolonial comparative literature.

Resumen: El artículo pone de relieve la configuración de los personajes femeninos en dos novelas históricas del siglo XIX: *Xicoténcatl* (Anónimo, 1826) y *Colombo e Beatriz* (DuBois, 1892). La primera inaugura la escritura de novelas históricas en América Latina. Mientras que su narrador centra sus esfuerzos en la dicotomía Xicoténcatl-Cortés, los personajes femeninos Teutla y Doña Marina (Malinche) se configuran como piezas en la tesis del autor anónimo. La segunda novela se destaca por ser la primera obra de autoría femenina inscrita en la “Poética del ‘descubrimiento’”. En ella, Dubois (1892) promueve la recuperación, en la literatura, de la figura histórica excluida de los registros históricos tradicionales, Beatriz Enríquez de Harana. Nos basamos en Fleck (2017), Quijano (2005), Mignolo (2017), Lugones (2008), entre otros, para señalar los elementos principales y discutir su configuración como proyectos estéticos decoloniales. Como resultado,

presentamos comparaciones entre los tres personajes mencionados y verificamos si en estas configuraciones la figura femenina muestra, de alguna manera, la proyección de una mirada decolonial.

Palabras clave: Novelas históricas *Xicoténcatl* (Anónimo, 1826) y *Colombo e Beatriz* (DuBois, 1892); Configuración literaria de personajes femeninos históricos; Literatura comparada decolonial.

INTRODUÇÃO

Neste estudo apresentamos dois romances pioneiros³, o primeiro da segunda década do século XIX, *Xicoténcatl* ([1826] 2020), de autor anônimo, presumivelmente masculino, e o segundo da última década, do mesmo século, *Colombo e Beatriz* ([1892] 2022), da autora Constance Goddard DuBois. Nosso foco de interesse recai na configuração das suas personagens femininas Teutila, doña Marina e Beatriz. Pretendemos abordar brevemente os principais elementos dos romances elencados para em seguida fazer comparações entre as configurações femininas e discorrer sobre a possível projeção estético-decolonial das três personagens.

Com a finalidade de atingir nosso objetivo proposto, organizamos a estrutura deste estudo em três seções distintas. Nas duas primeiras partes, buscamos proporcionar concisas apresentações dos elementos primordiais presentes nas obras selecionadas. Essa abordagem visa oferecer uma visão abrangente e detalhada dos aspectos fundamentais, proporcionando aos leitores uma compreensão sólida do contexto e das características essenciais de cada obra. Na terceira parte, dirigimos nosso foco à comparação das personagens, estabelecendo um diálogo crítico que não apenas destaca suas diferenças e semelhanças, mas também aprofunda a análise para discutir as possíveis projeções decoloniais intrínsecas às trajetórias dessas figuras.

³ Para o presente texto, adotamos as versões traduzidas por Gilmei Francisco Fleck, dentro do contexto do grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção - vias para a descolonização”, *Xicoténcatl* (2020) e *Colombo e Beatriz* (2022), obras fundacionais do século XIX. No conjunto de suas ações, o grupo busca promover a construção de um conhecimento compartilhado capaz de alterar os parâmetros de colonialidade na América Latina.

Desse modo, na sequência, refletimos sobre esses fazeres escriturais do século XIX. Assim, iniciamos por evidenciar as características principais das obras aqui elencadas.

XICOTÉNCATL (ANÔNIMO, 1826): o primeiro romance histórico latino-americano

O século XIX, no campo literário da América Latina, caracteriza-se por apresentar, além dos romances que copiam o modelo eurocêntrico, romances escritos por pessoas comprometidas com a ideia de aportar com suas teses de projetos de nação. Esse aspecto está presente no primeiro romance histórico latino-americano, *Xicoténcatl* (1826), de autor anônimo, obra que pretende comprovar a tese de ‘predestinação da nação mexicana’ (Forero Quintero, 2012), ao justificar o acontecido durante os sucessos históricos do passo de Hernán Cortés pela Confederação Tlaxcalteca, rumo à toma de Tenochtitlan e a consequente morte do mundo indígena.

Nessa argumentação, o autor anônimo dispõe suas personagens em dois grupos antagonistas. O primeiro grupo, liderado por Xicoténcatl filho, núcleo impensado antes da publicação desse romance: os autóctones tlaxcaltecas são concebidos como heróis. Entre as personagens desse núcleo se encontram: Teutila, amada de Xicoténcatl, e o pai de Xicoténcatl, senador incorruptível, que tem o mesmo nome do filho. No segundo, em contraposição, está o grupo liderado por Hernán Cortés, o herói da contrarreforma (Forero Quintero, 2012) – assim apregoado pelo cronista Antonio de Solís e Rivadeneira na história oficial dos registros da Subjugação do México – pela primeira vez na literatura, projetado como o “feroz e brutal chefe” (Anônimo, 2020, p. 201). Junto dele estão a primeira configuração ficcional da personagem histórica Malinche na literatura, ou doña Marina, nome de batismo designado pelos europeus, configurada como sua amante e colaboradora, Magiscatzin, o político indígena ímprobo, e Diego de Ordaz, o único espanhol colaborador de Cortés que mostra-se como modelo de comportamento íntegro.

O autor anônimo utiliza esses dois núcleos antagonistas para relatar as divisões internas à chegada dos europeus que souberam tirar proveito da situação (Forero Quintero, 2012). A narrativa dispõe o foco no enfrentamento entre Cortés e Xicoténcatl, “onde [a narrador] inverte a ideia de este ser um anti-herói tal qual fora etiquetado pela história oficial da conquista” (Del Pozo González, 2017, p.

36) e oferece outra versão possível por meio da literatura, a dos vencidos, apontando para as ações de Hernán Cortés que puniu Xicoténcatl, historicamente, por não obedecê-lo, além de relatar a aliança com a confederação tlaxcalteca no cenário de toma de Tenochtitlán (Del Pozo González, 2017), além de outros pontos que, pela sua extensão não trataremos neste estudo.

O romance *Xicoténcatl* (2020) aporta com modelos de comportamento para a formação da identidade própria do povo mexicano oitocentista, ao exaltar eventos históricos anteriores à ocupação espanhola sob um viés ex-cêntrico, onde estão vinculados aos pensamentos independentistas comuns ao seu contexto de produção. A lógica da narrativa finaliza com a ideia de os indígenas valorizando novamente seus costumes e, simbolicamente, mostra-se o nascimento do primeiro mestiço (filho de doña Marina e Cortés) como a única alternativa à queda do mundo indígena que ocorreu inevitavelmente com a morte do casal principal, Xicoténcatl e sua amada Teutila.

Na seguinte seção, abordamos a construção ficcional das personagens femininas no romance *Xicoténcatl* (2020).

289

TEUTILA E DOÑA MARINA: configurações

Como foi mencionado na seção anterior, Teutila e doña Marina são duas personagens que pertencem a núcleos antagonistas. No plano geral, as personagens nativas são configuradas “como protótipos morais a serem seguidos, em oposição àqueles da classe dominante europeia, cuja moral e decência são fortemente criticadas” (Del Pozo González, 2017, p. 60). Em confluência, ao Teutila pertencer ao núcleo autóctone de heróis, doña Marina, consequentemente, apresentará uma moral e decência duvidosas.

O romance tem como personagem principal a Xicoténcatl, quem recebe a configuração de um herói clássico, de “força descomunal, um ser perfeito, um semideus” (Del Pozo González, 2017, p. 46), características necessárias para o representante da nação tlaxcalteca. Só uma mulher perfeita poderia ser seu par, a única personagem no romance que é totalmente ficcional, porém ela é uma representação metonímica daquilo que há de melhor no mundo indígena: a exuberância, a beleza, a coragem das mulheres indígenas que resistiram à ocupação europeia. Assim, Teutila é apresentada como a jovem mulher bela,

corajosa, amável, matrona exemplar, ou, na voz da personagem Xicotécatl: “criatura mais formosa do que a estrela da manhã, Vênus!, que fostes capaz de desarmar a ira justa de um tlaxcalteca?” (Anônimo, 2020, p. 119).

No entanto, como confirma Nevárez (2004, p. 74), “*Teutila embodies native dignity, pride, and courage as she opts for suicide*”⁴. Para continuar dentro da verossimilhança que dá o uso de registros históricos, o destino de Xicotécatl é morrer e a diegese complementa esse fato histórico com a morte de Teutila. A configuração dessa personagem feminina, nessa narrativa, não permitirá que tenha algum envolvimento nem com Cortés nem com Diego de Ordaz, pois ela foi planejada para tornar-se o símbolo de resistência à “ocupação cultural, religiosa, territorial e física europeia” (Del Pozo González, 2017, p. 49). A era “pura e digna” de Teutila, ou do mundo indígena, finaliza com seu suicídio. Esse fato narrativo, ao mesmo tempo, dá passo a explicação do nascimento do México com doña Marina assumindo o símbolo de mãe da pátria mexicana nova e mestiça.

Doña Marina não só é oposta à personagem Teutila por aceitar abertamente a cultura europeia. Nela mostra-se uma nativa que, no início da narrativa, com os novos costumes facilmente se corrompe: “ele [Cortés] quase chega a orgulhar-se de seu romance adúltero com aquela índia, que talvez seja uma vítima de sua sedução” (Anônimo, 2020, p. 111) e “Este último ofício ela desempenhava com grandes vantagens para Hernán Cortés, pois os nativos não suspeitavam que ela tivesse a malícia e o engano dos europeus” (Anônimo, 2020, p. 133); porém, após a cena da morte da personagem Magiscatzin, ela se arrepende e, percebendo o valor do mundo indígena, decide retornar aos seus costumes e rejeita a corrupção apreendida com os espanhóis: “[...] não há remédio para mim. Sou uma grande pecadora e é preciso que todo o Universo conheça minhas culpas e veja meus remorsos, que o martírio que sofro sirva de exemplo e de lição aos que, como eu, abandonam a senda da virtude” (Anônimo, 2020, p. 192). Contudo, o peso do bode expiatório que poderia recair em doña Marina é aliviado por Teutila quando esta personagem falha na tentativa de assassinar Cortés e não gerar um filho de Xicotécatl. É desse modo que o narrador constroi a dicotomia da formação da nação com o par Teutila/doña Marina.

⁴ Nossa tradução: “Teutila incorpora a dignidade, o orgulho e a coragem nativos ao optar pelo suicídio” (Nevárez, 2004, p. 74).

A seguir, trazemos os elementos principais do romance Colombo e Beatriz (DuBois, 2022).

COLOMBO E BEATRIZ (DUBOIS, 2022): o primeiro romance de autoria feminina acerca do “descobrimento” da América

Conforme documentado por Fleck (2008), *Colombo e Beatriz* (2022), da autora estadunidense Constance Goddard DuBois (1869-1934), é reconhecido como o primeiro romance histórico escrito por uma mulher no contexto da “Poética do ‘descobrimento’” da América. O destaque de DuBois na História da Literatura Americana vai além de ser a pioneira a abordar especificamente os eventos de 1492, evidenciando-se, também, por sua capacidade de desafiar as normas estabelecidas no século XIX, uma época em que poucas mulheres se aventuravam na escrita, dada a predominância masculina no cenário literário.

É importante destacar que ao longo do século XIX, inúmeras obras estadunidenses exaltavam e até mesmo a mitificavam a figura de Cristóvão Colombo. Este discurso apologético atingiu seu ápice durante o quarto centenário do “descobrimento” da América, coincidindo com a publicação da obra de DuBois em 1892.

Fleck (2008) destaca que, durante esse período que se refere à comemoração de 400 anos do evento que marcou a chegada de Cristóvão Colombo às Américas, em 1492, especialmente na literatura estadunidense, os romancistas começam a retratar a conduta dos colonizadores como benéfica para os povos americanos, estabelecendo, assim, uma tradição de exaltação do passado vivenciado por ele.

Nesse panorama, a decisão de DuBois de escrever e dar voz à experiência feminina a tornou parte do conjunto de obras historicamente negligenciadas. Em sua abordagem literária, ela escolhe Beatriz Enríquez de Harana, uma figura pouco destacada nos registros históricos tradicionais, como protagonista ao lado de Cristóvão Colombo. Essa escolha representa uma ruptura significativa com as narrativas conservadoras que frequentemente omitiam o papel fundamental das mulheres nos eventos relacionados ao “descobrimento” da América. Ao oferecer uma perspectiva única sobre as personagens e a época, DuBois desafia as produções convencionais, projetando uma ação decolonial ao redefinir a representação do imaginário feminino na escrita romanesca.

A seguir, dirigimos nossa atenção para a recriação ficcional da figura de Beatriz Enríquez de Harana em *Colombo e Beatriz* (2022), de Constance Goddard DuBois. Nas análises, observamos como a autora instaura uma ruptura ideológica em relação às premissas anteriormente estabelecidas, as quais glorificavam Cristóvão Colombo como um modelo de self-made man para a nação estadunidense.

BEATRIZ ENRÍQUEZ DE HARANA: releituras

Colombo e Beatriz (2022), escrito pela estadunidense Constance Goddard DuBois (1869-1934), conforme mencionamos, representa um marco inicial na literatura de autoria feminina sobre o “descobrimento” da América. Apesar de eleger a jovem cordobesa Beatriz Enríquez de Harana (1465-1521) como personagem central ao lado de Cristóvão Colombo, a obra não recebeu, nos anos subsequentes à sua publicação, o reconhecimento crítico devido. Beatriz, mãe do segundo filho de Colombo, teve uma participação crucial ao apoiar o navegador na busca por financiamento dos reis católicos, possibilitando a realização de sua expedição às Índias pelo ocidente.

292

Fato é que Beatriz não recebe menção alguma na primeira biografia de Colombo, escrita por seu próprio filho, Fernando Colombo. DuBois, já no século XIX, chama a atenção para a necessidade de reposicionar as mulheres na história, dada sua intencional negligência. Nessa perspectiva, a escritora segue as estratégias escriturais comuns ao romance histórico tradicional, mas introduz uma ruptura ao focar a importância histórica de Beatriz Enríquez de Harana.

O romance *Colombo e Beatriz* (2022), pelo contexto em que se insere, está associado às escritas híbridas de história e ficção da modalidade tradicional, pois busca, em sua tessitura narrativa, mimetizar o discurso histórico e apresentar personagens consagradas pela história. Contudo, a autora sinaliza, de modo precursor, para um dos movimentos intelectuais feministas atuais, ou seja, o resgate de mulheres que foram historicamente excluídas.

Essa intenção de reinterpretar o passado é evidenciada no seguinte trecho do prefácio da obra de DuBois: “Não é a reputação de Colombo que está em questão. [...] mas a bela jovem Beatriz Enríquez, cuja vida ligada à dele foi sem dúvida

muito triste, deveria ser libertada de reprovações não merecidas” (DuBois, 2022, p. 89).

A obra de DuBois (2022) busca, portanto, reparar a imagem de uma mulher negligenciada pela história, como podemos constatar no prefácio. Ao subverter o discurso histórico por meio da literatura, a autora, um século antes da teoria acerca da “história vista de baixo” de Sharpe (1992), destaca a importância de Beatriz Enríquez de Harana como participante ativa na história, contrapondo a tendência de exaltar somente as figuras masculinas nos romances sobre o “descobrimento” da América.

Frequentemente, a jovem cordobesa é apresentada como uma mulher religiosa, comparada à Virgem Maria por suas ações e vestimentas: “Ali, no mesmo santuário, não muito longe, à sombra de uma coluna, uma moça ajoelhava-se em prece tão fervorosa quanto tinha sido a sua. Um manto azul-escuro escorregara de seus ombros, tocando o chão” (DuBois, 2022, p. 92).

Na representação da protagonista, percebemos que sua caracterização reflete amplamente o patriarcado predominante, devido ao período histórico recriado (1486-1506) e ao contexto da produção da obra de 1892. No entanto, já surgem indícios de hesitação por parte da personagem em relação à completa submissão às normas sociais impostas às mulheres. Dessa forma, Beatriz, ao ser repreendida por sua pajem por conversar com um estrangeiro estando noiva, reage de maneira desafiadora: “– Não tenho nada a explicar. [...] – Não o ofendi por motivo algum. – Beatriz disse-lhe, com simplicidade. – Ele é que deveria pedir perdão a mim por suas suspeitas injustas” (DuBois, 2022, p. 94).

O primeiro romance feminino sobre o “descobrimento” da América contraria várias biografias de Colombo, ao apresentar a união religiosa das personagens e redefinir Beatriz Enríquez de Harana como esposa e não como concubina: “A cerimônia do casamento aconteceu na catedral, com o auxílio de padres e acólitos e, também, de uma multidão de amigos e conhecidos da noiva, embora somente o pai e o irmão representassem a família” (DuBois, 2022, p. 119).

Ao utilizar-se do discurso direto, as vozes secundárias da diegese criticam a postura de Colombo em relação a Beatriz, evidenciando indiferença, falta de consideração, descaso e egoísmo, como podemos verificar em momentos da narrativa em que Pedro, irmão mais novo de Beatriz, relata sua indignação: “–

Será que ele pensa que pode desgastar uma jovem noiva como uma luva e depois despachá-la ao bel prazer? [...] como se esse italiano fosse um príncipe de bom sangue para ficar sendo paparicado toda hora” (DuBois, 2022, p. 127). Ao explorar a visão das demais personagens, portanto, a narrativa sugere a imagem de um homem negligente em relação aos seus próximos, incluindo Beatriz. Isso contrasta com as representações exaltadoras baseadas na biografia de Washington Irving (1827), que retratam Colombo como um modelo de homem íntegro e determinado.

Em suma, a idealização da personagem de Beatriz Enríquez de Harana reflete a tentativa de atingir a mesma dimensão heroica que Colombo ganhou ao longo dos séculos. Apesar disso, DuBois (2022) a retrata como uma mulher sofredora, moldada pelos ideais da “perfeita esposa”, conforme observado por Fernández Álvarez (2002) a respeito das condições vividas pelas mulheres renascentistas espanholas.

Diante das breves análises, a obra de DuBois (2022), embora siga o modelo de romance histórico tradicional, caracterizado por sua abordagem apologética e exaltadora de Colombo e Beatriz, e de reproduzir padrões patriarcais relacionados ao papel feminino da época, consegue inovar ao conferir protagonismo a Beatriz Enríquez de Harana.

TEUTILA, DOÑA MARINA E BEATRIZ: interstícios

A colonialidade, conforme Quijano (2005), é de longa duração e compreende discursos, práticas e atitudes destinadas a subjugar povos colonizados e manter a hegemonia da nação colonizadora. Essa dinâmica persiste no conhecimento, cultura, crenças, autoimagem, vida cotidiana, comportamento, convicções e estruturas de trabalho e de gênero. Fundamenta-se, principalmente, em três pilares: poder, conhecimento e identidade.

A colonialidade do poder, nesse sentido, abrange o domínio político, territorial e o controle de recursos para o capital global, organizando formas históricas de controle do trabalho. No âmbito do saber, refere-se à imposição do paradigma ocidental nas ciências sociais, marginalizando outros conhecimentos. O ser, introduzido por Mignolo (2017), descreve a desumanização sob a

colonização, retratando nativos como não humanos. A “colonialidade de gênero” descrita por Lugones (2008) deriva dessa última categoria.

Lugones (2008) examina as questões de gênero relacionadas à colonialidade, enfocando as violências contra mulheres negras e indígenas inseridas nesse contexto dominado pela colonialidade do poder. A pesquisadora argumenta que o sistema colonial moderno emprega estratégias discursivas para colonizar as populações nativas da América Latina, dando ênfase à superioridade dos homens ocidentais e invisibilizando as mulheres não brancas. Dessa forma, destaca:

*Este sistema de género se consolidó con el avance del(los) proyecto(s) colonial(es) de Europa. Tomó forma durante el periodo de las aventuras coloniales de España y Portugal y se consolidó en la modernidad tardía. El sistema de género tiene un lado visible/claro y uno oculto/oscuero. El lado visible/claro construye, hegemonicamente, al género y a las relaciones de género. [...] La pureza y la pasividad sexual son características cruciales de las hembras burguesas blancas quienes son reproductoras de la clase y la posición racial y colonial de los hombres blancos burgueses. [...] El lado oculto/oscuero del sistema de género fue y es completamente violento. [...] las mujeres colonizadas, no-blancas, incluidas las mujeres esclavas, quienes, en cambio, fueron caracterizadas a lo largo de una gama de perversión y agresión sexuales y, también, consideradas lo suficientemente fuertes como para acarrear cualquier tipo de trabajo*⁵ (Lugones, 2008, p. 97-98).

295

Nesse sentido, observamos em *Xicoténcatl* (Anônimo, 2020) e *Colombo e Beatriz* (DuBois, 2022) o exemplo de sistema de gênero com as configurações das nativas Teutila e doña Marina, as não brancas, as escravizadas, as violentadas, e Beatriz, a hembra branca, mesmo que judia conversa, ela representa a mulher europeia.

⁵ Nossa tradução: Este sistema de gênero foi consolidado com o avanço do(s) projeto(s) colonial(ais) da Europa. Ele tomou forma durante o período das aventuras coloniais de Espanha e Portugal e se consolidou na modernidade tardia. O sistema de gênero possui um lado visível/claro e um lado oculto/escuro. O lado visível/claro constrói, hegemonicamente, o gênero e as relações de gênero. [...] A pureza e a passividade sexual são características cruciais das mulheres brancas burguesas, que reproduzem a classe e a posição racial e colonial dos homens brancos burgueses. [...] O lado oculto/escuro do sistema de gênero foi e é completamente violento. [...] As mulheres colonizadas, não-brancas, incluindo as mulheres escravizadas, foram caracterizadas ao longo de uma gama de perversão e agressão sexual e também consideradas suficientemente fortes para realizar qualquer tipo de trabalho (Lugones, 2008, p. 97-98).

A decolonialidade, definida como o conjunto de forças reativas e proativas que se opõem à colonialidade, surge como resultado da implantação da matriz colonial de poder durante os projetos de modernização e colonização europeus a partir do século XV. De acordo com Grosfoguel e Mignolo (2008, p. 30), esses conceitos — modernidade, colonialidade e decolonialidade —, não podem ser ponderados por separado, pois “[...] *surgen conjuntamente en el mismo proceso histórico. Cada uno de ellos es constitutivo de los otros dos*”⁶.

Nessa perspectiva, analisamos aqui duas obras oitocentistas, a primeira de provável autor masculino e a segunda da autora estadunidense. Com o intuito de estudar essas obras, recorreremos à teoria de Moi (1995), quem se expressa com base aos estudos de Kristeva, e afirma que não seria correto, teórica e politicamente, tentar estabelecer diferenças de emprego da linguagem entre autores de ambos sexos, pois a linguagem é complexa e depende do indivíduo utilizá-la de um modo ou de outro. O que sim seria necessário fazer é “*estudiar sus expresiones ideológicas, políticas y psicoanalíticas, y sus relaciones con la sociedad, la psique y con otros textos*”⁷ (Moi, 1995, p. 164), quer dizer, avaliar o posicionamento de quem escreve. Nós entendemos, em confluência, que em nossa análise, dos textos de autoria masculina e feminina, é preciso apontar para as ideologias por trás das palavras, pois “*como lo femenino está marginado en la sociedad machista, la semiótica está marginada en el lenguaje*”⁸ (Moi, 1995, p. 173). Desse modo, pretendemos apontar para a existência dos traços patriarcalistas/coloniais e decoloniais no corpus analisado, tais como o vocabulário utilizado em cada uma das configurações elencadas.

Com o intuito de visualizar melhor a comparação entre as três personagens aqui analisadas, utilizamos quadros criados pelas autoras deste estudo, a seguir.

⁶ Nossa tradução: “[...] surgem conjuntamente no mesmo processo histórico. Cada um deles é constitutivo dos outros dois” (Grosfoguel e Mignolo, 2008, p. 30).

⁷ Nossa tradução: “estudar suas expressões ideológicas, políticas e psicoanalíticas, e suas relações com a sociedade, a psique e com outros textos” (Moi, 1995, p. 164).

⁸ Nossa tradução: “como o feminino está marginalizado na sociedade machista, a semiótica está marginalizada na linguagem” (Moi, 1995, p. 173).

Quadro 1 – Configurações tradicionais femininas nos romances

| Configurações | Teutila | Marina | Beatriz |
|--|--|--|--|
| Adjetivos usados na diegese que demonstram uma configuração tradicional feminina | Lealdade, conduta moral, ética exemplar, virgindade, pura, celestial | Bela, ofrecimiento livre, corrompida, astuta serpente, intrigante e sedutora mulher, traiçoeira, dupla, falsa, indigna americana, adúltera, venenosa | Fervorosa, cativante, fraca, jovem, gentil, calma, sofrida |

Fonte: as autoras (2024)

Tal como verificamos no Quadro 1, podemos observar, em concordância com Del Pozo González e Lima Baca (2020), que Teutila recebe na sua configuração os altos valores cívicos de uma sociedade moderna, coerentes do ponto de vista patriarcal. Ela recebe a configuração de “virgem impoluta, amante fiel, servidora humilde dos líderes da nação, símbolo feminino de pureza autóctone” (Del Pozo González; Lima Baca, 2020, p. 300), enquanto que doña Marina é sua antítese, nela observam-se todos aqueles traços considerados negativos em uma mulher.

Em Dubois (2022), por meio do discurso direto da personagem Colombo, expõe-se o padrão de mulher ideal para a sociedade patriarcal, ou seja, descrevem-se os atributos da “perfeita casada”: jovem, bela, não frívola, não egoísta, gentil, calma e, sobretudo, religiosa. O termo “calma” sugere submissão, enquanto “religiosa” implica adesão à moral vigente, abnegação no serviço e ausência de questionamento. Tais atributos, somados, passam contribuir para com a “[...] configuração estereotipada da personagem, que passa a ser a mulher anjo, pura e dócil, capaz de se sacrificar pelo outro sem nunca pensar em si mesma” (Matheus, 2021, p. 135).

Com respeito aos atributos apontados das personagens, na tabela, resgatamos uma afirmação de Moi (1995, p. 174), que opina que:

La definición de las mujeres como necesariamente femeninas, y de los hombres como necesariamente masculinos, es precisamente lo que permite a los poderes

*machistas marginal, no sólo a la feminidad, sino a todas las mujeres en el orden simbólico y en la sociedad*⁹.

Desse modo, observamos que o uso do vocabulário para configurar as três personagens, nesse recorte, é totalmente colonial, no sentido de a ideia de feminino sempre ter sido considerada sob os eixos da territorialidade patriarcal (Guerra, 2004), quer dizer: fragilidade, impotência (Teutila e Beatriz), porém também o sinistro, esquerdo, maligno, receptáculo do diabo (doña Marina). Contudo, ainda precisamos observar outras questões na configuração. Para tal, vejamos o Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Configurações sobre comportamento ético das personagens

| Configurações | Teutila | Marina | Beatriz |
|-------------------|--|--|--|
| Relação simbólica | Personagem metonímica, a mulher perfeita em todos os sentidos. Desperta impulsos em Cortés e Ordaz por possuí-la | Bode expiatório que justifica a desordem e ruína econômica da nação mexicana no século XIX | Única mulher com quem Colombo deseja se casar por ser uma mulher de “nobres emoções” |

Fonte: as autoras (2024)

De acordo com o quadro 2, Teutila, pelos seus atributos (beleza, pureza) deixa atônitos tanto a Cortés como Ordaz. Essa inclinação de possuir Teutila pode simbolizar a intenção de posse do continente, tal como menciona Del Pozo González e Lima Baca (2020), ao mesmo tempo, a sua fidelidade e resistência diante dos avanços dos europeus. A tese do autor anônimo é explicar por que não deu certo a continuação do mundo indígena depois do passo de Cortés por Tlaxcala, a aliança feita com os indígenas e a consequente queda de Tenochtitlán. Teutila, portanto, serve como meio para explicar a impossibilidade de continuar esse passado exaltado na diegese.

Marina, por outro lado, poderia se tornar o bode expiatório por ter sido aliada de Cortés, mas é salva pelas ações de Teutila porque esta última não tem

⁹ Nossa tradução: “A definição das mulheres como necessariamente femininas, e dos homens como necessariamente masculinos, é precisamente o que permite aos poderes machistas marginalizar, não apenas a feminilidade, mas também a todas as mulheres na ordem simbólica e na sociedade” (Moi, 1995, p. 174).

sucesso na tentativa de assassinar Cortés e vingar seu amado. No entanto, estudos confirmam que os leitores oitocentistas se apressaram a culpar Malinche, como expressa Cypess (2000), sem tomar em conta o arrependimento mostrado por doña Marina ao completar a tese do autor anônimo, que arrependida torna-se a mãe simbólica da nova nação mexicana mestiça. Contudo, como Cypess (2000) expressa, a primeira configuração literária da personagem histórica Malinche, no romance *Xicoténcatl* (1826), propõe uma configuração negativa iniciando o mito de Malinche Eva traidora no México.

Em DuBois (2022), por sua vez, Colombo descreve por meio do discurso direto, em mais de uma ocasião, as qualidades e virtudes de Beatriz como uma boa futura esposa de “nobres emoções”. Tais características visivelmente vinculadas à submissão de seu comportamento, como servir constantemente os homens da casa e dever-lhes obediência, eram vistos pelo marinheiro como motivos para admirá-la.

As duas obras comungam, em certa medida, da ideologia patriarcal no que se refere à configuração ficcional das personagens femininas, mantendo-as subjugadas à dominação masculina. Reproduzem-se, assim, os estereótipos mencionados por Zolin (2009), ora apresentando-as como sedutoras, perigosas e imorais, ora como mulheres indefesas e incapazes de agirem por si mesmas. Porém, cabe salientar que, em alguns momentos de ambas as obras, as personagens

Debater sobre gênero na literatura é relevante, pois assim podemos destacar as “construções sociais”, revelando como a sociedade atribui diferentes papéis com base no gênero de cada indivíduo. Portanto, a seguir, apresentamos o terceiro quadro para verificar se realmente, diante de duas obras que trazem configurações femininas delineadas sob um prisma patriarcal, é possível identificar traços de pioneirismo, indicando a presença de elementos que, em certos aspectos, demonstram uma abordagem decolonial.

Quadro 3 - Configurações de Teutila, Marina e Beatriz: decolonialidade presente?

| Configurações | Teutila | Marina | Beatriz |
|---|---|--|---|
| Traços que podem ser considerados decoloniais na configuração | A indígena é a heroína que resiste, ela é valente, tem opinião própria. Ela age, mesmo que tenha fracassado na tentativa de vingar seu amado. | A indígena corrompida percebe seu erro e promete não compactuar mais, de forma voluntária, com as ordens de Cortés, assim, sua obediência, a partir desse momento, é de uma escravizada. Marina não tem comportamento ‘feminino’ no sentido de ter sido ativa e não passiva nas suas ações, todas planejadas e pensadas por ela, ela escolhe suas ações desde o primeiro momento. | A jovem cordobesa deixa de ser a “concubina” de Colombo, conforme registros históricos oficiais, e passa a “esposa perfeita”, pela literatura. A personagem descreve suas angústias ao ser prometida a um homem muito mais velho (Dom Francisco), apesar de respeitar as decisões do pai. E, posteriormente, se questiona a respeito do casamento com Colombo e o abandono sofrido, embora permaneça fiel ao marido. |

Fonte: as autoras (2024).

Com respeito a Teutila, entendemos que o olhar decolonial está em apresentar pela primeira vez uma heroína indígena digna de todos os atributos clássicos. Por meio dela o mundo indígena é exaltado em todos seus aspectos. Por outro lado, no que toca a doña Marina, nela observa-se a possibilidade de uma personagem indígena humanizada. Ela recupera a sua validade ao rejeitar compactuar com seu amo/mestre, pois afinal, ela era escrava. Também podemos ressaltar que dentro da configuração está a oportunidade de mostrar a personagem histórica indígena como uma pessoa ativa, ao escolher os europeus e depois ao escolher retornar aos seus costumes nativos.

Colombo e Beatriz (2022) procura transcender os registros históricos tradicionais ao dar protagonismo a uma personagem que fora marginalizada. Além disso, há passagens em que ficam explícitas as insatisfações da personagem, como na noite da ida de seu filho à corte espanhola: “Parecia realmente cruel que ela fosse proibida de ir a Palos com os meninos, [...]. Cruel também que estivesse, inteiramente, posta de lado [...]” (DuBois, 2022, p. 235).

As escolhas escriturais feitas nos romances indicam, de certa maneira, um compromisso em romper com as normas e padrões estabelecidos pela colonialidade. Ao desafiar as estruturas de poder e conhecimento historicamente impostas pela narrativa hegemônica, os autores fomentam uma reflexão que desestrutura parcialmente as visões estereotipadas, impulsionando uma perspectiva outra.

CONSIDERAÇÕES finais

Observamos que certas lacunas no discurso, nas ações e configurações das personagens, Teutila, doña Marina e Beatriz, criam uma descontinuidade em relação à narrativa tradicional da época. Isso é evidenciado pelo contraste com as visões biográficas que as relegaram à obscuridade e que mantiveram uma visão constantemente laudatória voltada apenas para as figuras históricas masculinas. Apesar da presença de padrões do sistema patriarcal nas obras analisadas, há uma tentativa de resgatar a participação e a importância das mulheres no passado americano.

Os dois romances exploram a resistência, a força e a indignação por meio de suas personagens femininas, que, como figuras resilientes, enfrentam adversidades com determinação e coragem. Suas narrativas fornecem uma visão das realidades enfrentadas pelas mulheres em um contexto histórico marcado por profundas desigualdades de gênero. Nesse sentido, por meio de suas trajetórias, os romances exploram a complexidade das relações sociais e de poder, oferecendo uma análise das condições femininas na construção da história.

Diante disso, ao explorar uma visão do subalterno, conhecida como a “história vista de baixo” (Sharpe, 1992), tais obras projetam nítidas atitudes estéticas que podem ser alinhadas aos princípios de uma visão decolonial presentes já no século XIX. A abordagem que fazem das figuras históricas femininas do período do “descobrimento” e conquista da América, não apenas questiona a narrativa tradicional dominante, mas também busca dar voz e visibilidade a personagens historicamente marginalizadas.

REFERÊNCIAS

ANÓNIMO. *Xicoténcatl*. Prólogo, organização, estudo preliminar e notas de Antonio Castro Leal. [2. ed.]. p. 73-177. In: CASTRO LEAL, Antonio (Org.). *La novela del México colonial*. México: Aguilar, 1964.

ANÓNIMO. *Xicoténcatl*. Edición, estudio preliminar y notas de Gustavo Forero Quintero. Madrid: Vervuert, 2012.

ANÔNIMO. *Xicoténcatl*. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2020.

CYPESS, S. M. *La Malinche in Mexican Literature: from History to Myth*. 4 ed. Austin: University of Texas Press, 2000.

DEL POZO GONZALEZ, L. S. *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl (1826): [1999 – 2013]*. 2017. 212 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel. 2017. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/3452>. Acesso em: 05 mar. 2024.

DEL POZO GONZÁLEZ, L. S.; LIMA BACA, F. La composición poética de los personajes indígenas femeninos en la literatura latinoamericana: Xicoténcatl (1826) e Iracema (1865). In: *Entreletras* (Araguaína), v. 11, n. 1, jan./abr. 2020. Disponível em: Acesso em: 06 mar. 2024.

DUBOIS, C. G. *Columbus and Beatriz*. Chicago: A. C. McClurg and Company, 1892.

DUBOIS, C. G. *Colombo e Beatriz*. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2022.

FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M. *Casadas, monjas, ramerías, y brujas: la olvidada historia de la mujer española en el Renacimiento*. Madrid: Espasa Calpe, 2002.

FLECK, G. F. *O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2008.

FLECK, G. F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo* – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.

GUERRA, L. *La mujer fragmentada: historias de un signo*. 2. ed. Santiago, Cuarto propio, 2004.

LIMA BACA, F. Xicoténcatl (1826), anônimo, O Guarani (1857), Iracema (1865) e Ubirajara (1874), de José de Alencar: um cotejo a partir de uma perspectiva decolonial. In: ANÓNIMO. *Xicoténcatl*. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2020.

LORGUES, R. *Historia de Cristóbal Colón y de sus viajes* (Tomo I). Trad. Mariano Juderías. 2. ed. Espanha: Eduardo Gautier Editor, 1858.

- LUGONES, M. *Colonialidade e gênero*. Tabula Rasa. Bogotá. nº 9: 73-101, jul-dez, 2008.
- MATHEUS, A. M. E. *Figurações de uma heroína invisível: ressignificações de Beatriz Enríquez de Harana pela literatura*. 2021. 220 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel. Disponível em: https://tede.unioeste.br/bitstream/tede/5407/5/Amanda_Matheus2021.pdf. Acesso em: 05 mar. 2024.
- MOI, T. *Teoria literaria feminista*. 2. ed. Madrid: Cátedra, 1995.
- NEVÁREZ, L. My reputation precedes me: La Malinche and Palimpsests of Sacrifice, Scapegoating, and Mestizaje. In: Xicoténcatl and Los mártires del Anáhuac. *Decimononica*, v. 1, n. 1, p. 67-85. 2004. Disponível em: http://www.decimononica.org/wp-content/uploads/2013/01/Nevarez_V1.1.pdf. Acesso em: 22 abr. 2024.
- SCOTT, J. História das mulheres. In: BURKE, P. (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. 3. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. 3. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.
- ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

Artigo Recebido em: 31 de agosto 2024.
Artigo Aprovado em: 08 de maio de 2025.